REVISTA SENTIDOS DA CULTURA

CUMA: memória cultural com tradução afetiva

Tereza Cristina Vasconcelos de Souza
Universidade do Estado do Pará-UEPA
Belém-PA

Meu encontro com o Núcleo de Pesquisa Memórias e Culturas da Amazônia – CUMA, foi uma verdadeira volta ao passado estudantil, adormecido, guardado em minhas memórias, por algumas décadas. Como diz o poeta Milton "os sonhos não envelhecem" e partindo dessa premissa, resolvi ouvir os apelos da família e mais especificamente, da filha Tatiana, recém concluinte no Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Pará, para voltar aos bancos da academia. Eu com quase 60 anos, iria sentar juntamente com contemporâneos, de um Brasil, socialmente e politicamente, ainda em ebulição.

Iniciou minha imersão na academia, me apresentando as possiblidades de disciplinas e professores para que eu pudesse iniciar como aluna especial e assim ir pavimentando um caminho até a realização da seleção.

Um nome, dentre o quadro docente me chamou a atenção e despertou mais ainda meu interesse em voltar aos bancos de uma universidade. Havia, ali uma professora que, anos atrás andávamos de braços dados, na mesma trincheira, lutando em várias frentes, desde a meia passagem estudantil até a derrubada dos militares que manchavam nossa história com a mais violenta ditadura instalada na América latina, prendendo e matando muito dos nossos. Sim, aquela mana de tantas lutas, seria mais um incentivo para eu voltar aos bancos da academia e a empunhar bandeiras pelas melhorias da educação e do acesso a um ensino público de qualidade, com quem já havia dividido sonhos de uma sociedade igualitária, democrática e fraterna.

Seu nome Josebel Akel Fares. Sim, esse nome alavancou meu desejo em cursar o mestrado, sem saber se iria conseguir tal façanha, uma vez que a cada ano, o número de inscrições para o processo seletivo só aumentava. Um dia, cruzei com ela nos corredores

e perguntei se teria alguma chance depois de décadas paradas. Ela disse que sim! E isso foi suficiente para eu me atirar nos textos e leituras obrigatórias para encarar o processo seletivo. Sabia que não seria fácil, mas estava disposta a concorrer, já havia ultrapassado barreiras bem mais difíceis durante a vida profissional, desenvolvida aqui e ali, passando por diversos órgãos e escolas, aprendendo e ensinando uma nova lição.

Como disputar em meio a tantos jovens recém-formados com a cabeça ainda fresquinha de conhecimentos e do mundo acadêmico, que eu havia deixado para trás lá pelos anos 90. No entanto, a vontade despertou e no processo seletivo de 2019, consegui ser aprovada em uma vaga na linha de Saberes, justamente escolhendo como orientadora a companheira de lutas de um tempo nefasto, mas muito rico de pessoas que trilhavam em busca dos mesmos sonhos: uma sociedade onde todos e todas tivessem os mesmos direitos.

No início não foi fácil, pois a distância de três décadas, entre a vida profissional e a academia me apontava um novo cenário, com disciplinas, livros, trabalhos em grupos, seminários, rodas de conversas e uma mochila com caderno e caneta que eu havia deixado na gaveta há muitos anos. Mas, o horizonte apesar de novo, me remetia aquele tempo em que conheci a universidade, eu outro contexto, diferente, mas que me fazia adentrar pelos mesmo corredores, em busca de um novo sonho; ser mestre em Educação.

O aceite por parte da professora Bel Fares em orientar o desvelamento deste sonho, foi possível, a partir do despertar de um sonho, incentivada que fui pelo Núcleo de Pesquisa Cultura e Memórias da Amazônia- CUMA, onde comecei a alicerçar as trilhas que viriam pela frente. E ali fui frequentando, ouvindo, questionando, até me tornar membro pesquisadora.

O estímulo em ir em busca da minha ancestralidade quilombola, adormecida, mas, não silenciada, foi alimentado pela orientadora que me ofereceu várias leituras para melhor sustentar meu projeto de pesquisa. Com uma farta bibliografia e as orientações recebidas, rumei em direção aos mestres, que lá atrás me encantavam com seus batuques, nas animadas rodas de carimbó, durante o festejo de São Benedito, no município de Santarém Novo.

No cerne da pesquisa, havia o interesse, estimulado por meio do CUMA, em desvelar os saberes inerentes dos mestres de carimbó de Santarém Novo, fato muito discutido pelas rodas de conversas que havia presenciado nas reuniões do Núcleo sobre a cultura amazônica e seus componentes.

Foram esses saberes que me despertaram para conhecer e enxergar, com outro olhar, a produção dos mestres de carimbó, pertencentes à Irmandade de São Benedito, na comunidade santarena.

Inicialmente, essa investigação teve como objetivo mapear esses saberes a partir das tecituras que se entrecruzam no fazer cotidiano dos mestres, e que são expressas em suas narrativas de vidas. Reconhecer esses saberes, portanto, representava para mim, o marco principal deste estudo. Para tanto, utilizei, inicialmente, como metodologia, pesquisas documentais, bibliográficas, entre alguns achados nas prateleiras do Núcleo Cuma.

Paralelamente, entre uma escrita e uma escuta, comecei a participar dos eventos do CUMA, que iam pavimentando as trilhas que teria que percorrer para responder as questões que a pesquisa suscitava. Aqui é preciso reconhecer que foi essencial andar de mãos dadas, não só com as professoras e suas disciplinas, como também com amigas que foram verdadeiros achados, nas atividades do CUMA. Foram elas, as "miçangueiras", que também facilitaram a interação ao meio acadêmico, por meio do farol CUMA, que despertava em cada um de seus integrantes, a vontade em desvelar memórias e sonhos adormecidos.

O cruzamento entre os diversos saberes fez com que novos olhares foram sendo tecidos com relação ao campo de pesquisa. Não bastava observar a vida dos mestres para descobrir seus saberes. Era preciso estabelecer um processo de escuta, de acordo com suas vontades e não da pesquisadora. Era ali o começo do processo de pesquisa sensível defendido pelo CUMA e sua coordenadora e minha orientadora à época, Bel Fares.

Sabemos que a academia nos proporciona diversos olhares enquanto sujeitos do campo científico. Mas, foi por meio das atividades do CUMA em parceria com as professoras que dele fazem parte, que fui, aos poucos, mudando, por exemplo, meu olhar com relação ao imaginário amazônico. Um olhar que foi sendo construído de forma plural e multifacetado, pois para além da epistemologia científica, surgia ali, no CUMA, um campo epistêmico mais sensível, de produção de subjetividade por meio de pesquisas que, ainda hoje, rompem com o enclausuramento do saber acadêmico.

Nesta linha de reconhecimento de saberes, temos nos pautado a partir de vários estudos que fomos construindo ao longo do Mestrado, que nos permitiram refletir as teorias que hoje, nos dão suporte para o desvelamento dessa tecitura de saberes. Conhecemos um pouco mais de grandes estudiosos da poética oral como Zumthor, Bachelard, Jerusa, Paes Loureiro, e tantos outros. Ampliamos nossa visão e a capacidade

de compreender o imaginário amazônico e seus desdobramentos nos campos da literatura e da poética.

Aliar as diversas linhas de pesquisas às atividades rotineiras do CUMA facilitaram, em demasia, a compreensão do universo do tema pesquisado, uma vez que, o pesquisador utiliza seus aprendizados e experiências, para nortear sua desenvoltura no campo.

Dentre as temáticas que roteirizam os estudos, pude atentar para a importância de se estabelecer um debate sobre o reconhecimento de narrativas amazônicas o que já vem sendo objeto de estudo de vários autores e pesquisadores da região norte, influenciados pelo CUMA.

A constatação dessas pesquisas nos diz que "não existe uma única cultura ou uma única identidade amazônica. Essa compreensão deve ser concebida sempre no plural, pois segundo Fares (2002), "essas narrativas trazem marcas do híbrido e da mestiçagem, e reconhecem as presenças indígenas, africanas, libanesas, nipônicas, entre tantas outras. Para ela "são essas vozes poéticas de múltiplos sotaques e línguas que fundam a Amazônia" (Fares, 2002, p.102).

Foi por meio do CUMA, que aprofundei meus conhecimentos sobre cultura popular e, mais especificamente, sobre o carimbó. Criado no século XVII por negros africanos, moradores do nordeste paraense com fortes influências indígena e ibérica, é uma das mais tradicionais expressões culturais do estado do Pará. Entender o que é cultura e, perceber que todo ato humano se traduz em cultura, foi uma descoberta que até então, ainda não havia refletido sobre.

Foi a partir desta compreensão, que conheci o carimbó como manifestação cultural, e que, apesar de ter se originado entre os escravos, o nome carimbó tem origem indígena. Com o tempo, carimbó passou a referir-se não apenas aos tambores, mas também à dança associada ao ritmo produzido pela percussão. Hoje, a expressão carimbó é utilizada como referência às performances que envolvem dança, batuque, música, indumentária e coreografia.

O reconhecimento do carimbó, como patrimônio imaterial da cultura do Brasil é considerado pelos mestres que lutaram para que isso ocorresse, como um fato marcante para a cultura popular. Essa é uma constatação dos próprios integrantes das associações de carimbó, que, conseguiram legitimar a manifestação após três séculos de existência. Foi por meio deste estudo que pude observar que o caminho a ser percorrido ainda é muito

longo para que se tenha não só o reconhecimento de forma ampla, mas a validação dos saberes de tantos mestres, inclusive no tocante, aos saberes diversos que estão por trás das composições de carimbó, permeadas por narrativas cotidianas e que expressam as suas histórias de vida.

Os eventos, encontros, reuniões e rodas de conversas na sala do CUMA, tão simbolicamente localizada no corredor três, ao lado da sala de recital, encamparam sonhos e descobertas que fluíram no imaginário de todos aqueles que tiveram o privilégio de poder contar com os inúmeros livros que ficam à disposição dos que buscam conhecer os encantos poéticos guardados em suas páginas. O CUMA também, em sua dimensão de Núcleo de Pesquisa, oferece uma biblioteca que é nosso domínio público. Lá se encontram as obras de grandes autores brasileiros e mais especificamente, da Amazônia, enriquecidos pelos lançamentos organizados por seus professores e alunos.

Trabalhamos cada pesquisa de campo, cada encontro e festejo de São Benedito, agora, com as leituras efervescentes que as reuniões do CUMA sempre nos propuseram. O envolvimento com professores da literatura amazônica, ia abrindo nossos olhares e as trilhas para o reconhecimento do homem amazônida. Suas trajetórias, memórias e campo imaginário sempre norteando nossas passadas, iluminadas pelas atividades que desenvolvíamos no Núcleo. Para além do conhecimento científico, tínhamos um envolvimento afetivo que transformava as aulas em verdadeiros espaços de trocas e de diálogos, onde se conspirava sempre em benefício do coletivo. Conheci ali, o que de fato era a educação por meio da sensibilidade. Uma educação para além dos cânones da academia e, que transformava suas fogueiras de vaidade, em uma festa democrática, intelectual, mas, acima de tudo, fraternal. E isso foi assegurado sempre pelos professores que passavam e que deixavam suas marcas no Núcleo CUMA. Entre pesquisas e estudos a gente caminhava por entre rios de gargalhadas em meio aos tropeços, que tornavam as coisas mais leves e brandas. As cobranças se dissipavam em meio às orientações pelos corredores e na sala do CUMA, entre cafés e muitas ideias que acordavam os ouvidos para histórias encantadas, de quem já não mais estava presente.

Para além de um espaço de produção científica, o CUMA nos faz despertar para a valorização da nossa literatura tão rica, mas ainda desconhecida de grande parte da nossa população.

Entrar para o CUMA nos últimos seis anos, me possibilitou viajar nas encantarias amazônicas e conhecer mais de perto as obras de grandes escritores paraenses, que até então só conhecia superficialmente, de pequenos trabalhos escolares. Despertar para a

poesia, me encantar com a Minemosine e a poésis, me fez entender a vida de forma mais sensível e leve.

Os cafés na casa da professora Bel Fares, com nossas rodas de conversas, risadas e discussões sobre literatura e orientações dos nossos escritos, são uma extensão do CUMA. Ela, que sempre, generosamente, abre as portas de sua casa, de sua biblioteca para nossas pesquisas, enchendo nossas xícaras de café e muito afeto. E foi esse perfil sensível e humano, dessa criatura que coordenou o CUMA por meias de 20 anos, que nos incentivou a olhar a literatura de maneira diferente, vivendo emoções, descobrindo canções que nos acalentam até hoje.

Hoje, uma nova geração anima a sala do CUMA, e enche de vida o espaço por onde muitos já passaram e deixaram suas pesquisas, como exemplo de estudo e, para além disso, exemplo de vida acadêmica.

Passados os 20 anos, o Cuma, continua de portas abertas para velhas e novas gerações. Falar de um período é pouco perto do muito que o Núcleo já produziu em termos de pesquisa e de mudanças nas pessoas. Ao contar um pouco de sua história, que atravessa a minha, é alimentar a alma de um tempo que não acaba, mesmo quando a gente sai da Universidade, o pulsar do CUMA permanece na alma e na memória, vivo, latente, como se tivéssemos voltando para o começo. Gratidão Bel Fares! Obrigada CUMA!

Referências

BRANDÃO, C.R., **A educação como cultura**. Campina/SP: Mercado das letras, 2002.

BOSI, E. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

FARES, J. A. **Cartografia Poética**. In: OLIVEIRA, I.A. (org.) Cartografias Ribeirinhas. 2[Ed. Belém: Eduepa, 2008.p.101-110.

FARES, J. A. C**artografias marajoaras:** cultura, oralidade, comunicação.2003. 250f.Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2003.

FERREIRA, J.P., **O universo conceitual de Paul Zumthor no Brasil**. Revista do IEB, n 45. São Paulo, 2007, p. 141-152.

_____ **Armadilhas da Memória e outros ensaios**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2003.
LOUREIRO, J.J..A **cultura amazônica: uma poética do imaginário.** Belém, CEJUP,1994.

SOBRE A AUTORA

Tereza Cristina Vasconcelos de Souza
Mestre em Educação (UEPA). Possui graduação em Comunicação Social (UFPA). É especialista em Gestão de Comunicação e Marketing. Profissionalmente, exerceu as funções de diretora de comunicação e eventos do Conselho Estadual de Educação do Pará e de professora colaboradora da Secretaria de Estado de Educação do Pará. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Comunicação Social. Exerce a profissão de professora desde 1985, tendo atuado em vários municípios, ministrando as disciplinas de Redação, Artes e Língua Portuguesa. Também coordenou o primeiro vestibular da Universidade Federal do Pará, em Soure, no arquipélago de Marajó. Como jornalista exerceu assessoria de comunicação em vários órgãos das esferas estadual e municipal, tendo trabalhado na elaboração de projetos comunicacionais. Atualmente é pesquisadora do Núcleo de Culturas e Memórias da Amazônia CUMA/UEPA.

http://lattes.cnpq.br/4396975183173105
E-mail: tete47@gmail.com

Recebido:28/08/2024

Aprovado: 19/10/2024